

PRÁTICAS ESPACIAIS JUVENIS: A CENA DA CULTURA HIP HOP EM LONDRINA (PR)

Ana Carolina dos Santos Marques

Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”

ana-carolina.marques@unesp.br

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar a cena do Hip Hop de Londrina (PR), destacando a apropriação do espaço urbano londrinense pela juventude hip hopper e o enfrentamento às exclusões socioespaciais que estruturam a cidade. As práticas culturais do Hip Hop possibilitam que a juventude atue ativamente na produção do espaço geográfico e enfrentem os desafios impostos cotidianamente à sobrevivência. Como procedimentos metodológicos há o fichamento bibliográfico, trabalhos de campo em eventos do Hip Hop de Londrina de 2018 a 2021, observação participante e entrevistas semiestruturadas com cinco jovens mulheres negras da cena. A principal conclusão é que as práticas espaciais da juventude hip hopper são orientadas pelo movimento dos eventos, com destaque para as batalhas de rima. As trajetórias de espaço passam a não se restringir apenas entre periferia-periferia, mas também entre centro-periferia.

PALAVRAS-CHAVE: Hip Hop; Londrina (PR); Juventude.

GT: 11 – Práticas culturais na produção da cidade

INTRODUÇÃO¹

O presente artigo objetiva apresentar a cena do Hip Hop de Londrina (PR), destacando a apropriação do espaço urbano londrinense pela juventude hip hopper e o enfrentamento às exclusões socioespaciais que estruturam a cidade. A cultura Hip Hop ressignifica as periferias empobrecidas e possibilita que jovens moradoras/es desses locais se expressem, sociabilizem, afirmem suas identidades e questionem as desigualdades socioeconômicas que condicionam suas vivências.

O Hip Hop é uma cultura juvenil negra e de rua, tendo o espaço urbano como seu lócus de manifestação. Desse modo, a cultura possui uma dimensão espacial que se manifesta,

¹ Este artigo apresenta parte dos resultados da dissertação intitulada: “As espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras na e por meio da cultura em Londrina (PR)”, elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP e orientada pelo Prof. Dr. Nécio Turra Neto. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/204879>>.

sobretudo, por meio da ocupação dos espaços periféricos empobrecidos, mas também daqueles espaços que historicamente foram negados às pessoas negras. A cultura proporcione que a juventude negra se aproprie dos espaços, imprima sua marca e demonstre sua (re)existência, questionando a ordem de poder hegemônica e excludente.

O recorte espacial é a cidade de Londrina, localizada no norte do estado do Paraná, e que possui diversas culturas juvenis ocorrendo cotidianamente em seu espaço urbano, sendo o Hip Hop uma delas. A cena do Hip Hop na cidade é ampla e se desenvolve por meio de batalhas de rima, festivais, grupos de danças urbanas, de grafite e projetos sociais.

Embora a cidade possua uma cena cultural plural, sua urbanização historicamente foi marcada pelo racismo, em que a população negra foi segregada às periferias empobrecidas. Portanto, apresentamos objetivamos apresentar a cena do Hip Hop na cidade, salientando como a cultura potencializa a ocupação do espaço urbano pela juventude negra. Nesse sentido, há uma relação dialética entre jovens e a cidade, ao mesmo tempo em que a cidade interfere na afirmação das identidades juvenis, potencializando-as ou restringindo-as, as juventudes também transformam o espaço.

Para tanto, os procedimentos metodológicos utilizados foram fichamento bibliográfico das pesquisas que versam acerca dos temas discutidos neste artigo e trabalhos de campos realizados nos eventos de Hip Hop em Londrina entre os anos de 2018 e 2021. Nos trabalhos de campo, as metodologias consistiram em diário de campo e observação participante. Além disso, cinco jovens mulheres negras hip hoppers foram entrevistadas, de forma semiestruturada, buscando conhecer suas experiências e entender suas considerações a respeito da cena da cultura londrinense. As cinco jovens mulheres negras são Cleópatra (Cantora, MC e artista circense), DJ Fran (DJ e professora), MC VK (MC e estudante de Farmácia na UEL), Poetiza (Cantora, MC, grafiteira, dançarina e DJ) e Venezian (MC e técnica em enfermagem).

O artigo possui três partes principais. Inicialmente discutimos a cultura Hip Hop e suas possibilidades de apropriação do espaço geográfico. Posteriormente, apresentamos a estruturação do espaço urbano de Londrina, destacando sua urbanização racista. Por fim, a cena do Hip Hop é apresentada e interpretada a partir das pesquisas bibliográficas, trabalhos de campo e entrevistas.

As práticas culturais possibilitam que as juventudes atuem ativamente na produção do espaço geográfico e enfrentem os desafios impostos cotidianamente à sobrevivência. Destacar

esse potencial questionador e reivindicativo aponta para possíveis caminhos de rompimento com as desigualdades socioeconômicas e espaciais, sendo o Hip Hop uma cultura de ressignificação das vivências periféricas.

A CULTURA HIP HOP E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

O Hip Hop pode ser interpretado como uma cultura juvenil negra, seu público é formado, majoritariamente, por jovens negros/os que encontram na cultura uma forma de se expressar, construir e afirmar suas identidades, expor suas reivindicações e sociabilizar com pessoas, sejam da mesma geração, ou que compartilhem trajetórias e espaço de vida semelhantes. Ele ressignifica a periferia, enquanto lugar de produção de conhecimento e arte.

Pais (2003) afirma que “por cultura juvenil, em sentido lato, pode entender-se o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase de vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais” (PAIS, 2003, p. 69). Dessa forma, cultura enquanto um conjunto de significados compartilhados, quando acrescida do termo juvenil, diz respeito aos significados que a juventude compartilha nessa fase de vida.

De acordo com Feixa (1999), as culturas juvenis são um fenômeno essencialmente urbano. É no espaço urbano que elas encontram espaços e tempos propícios para sua ocorrência, estabelecendo seus fluxos. Tommasi (2017) destaca que os grupos juvenis produzem seus próprios territórios, marcando-os com signos específicos, assim durante algumas horas do dia, os espaços urbanos apropriados assumem novos contornos em virtude das práticas artísticas e culturais das juventudes.

Desde sua criação, a cultura Hip Hop se manifesta no espaço urbano. Foi criada nos guetos de Nova York, especificamente no Bronx, por volta do fim dos anos de 1960 e início de 1970. Os guetos enfrentavam diversos problemas sociais como empobrecimento, violência, tráfico de drogas, fome, racismo e ausência de direitos básicos, como infraestrutura, moradia, educação e segurança (OLIVEIRA, 2010; FREIRE, 2018).

No Brasil, o Hip Hop ganhou força na década de 1980 por meio dos bailes *black* realizados no Rio de Janeiro e em São Paulo, com maior expressividade na segunda cidade (TURRA NETO, 2013). De acordo com Xavier (2005), o movimento se populariza com as

pessoas empobrecidas, pois representa algo criado por pessoas que vivem em um mesmo cotidiano de sobrevivência difícil, proporcionando a elas exercerem sua cidadania e lutarem por melhores condições de vida.

A cultura possui cinco elementos que unidos o caracterizam como cultura juvenil: grafite, *break*, conhecimento, MC (mestre de cerimônia) e DJ (disk jockey). Os dois últimos resultam na música do movimento, o rap (OLIVEIRA, 2010; SIMÕES, 2010). A cultura juvenil possibilitou, e ainda possibilita, que jovens das classes menos favorecidas se expressem, denunciem os problemas sociais de suas comunidades, formem uma cultura de resistência e mostrem que nas áreas marginalizadas também se produz cultura, além de representar uma forma de lazer e de encontro para a juventude.

A juventude negra que pratica o Hip Hop pode ser entendida como sujeitas/os periféricas/os, com base nas contribuições de D'Andrea (2020). Problematizando os significados históricos do termo periferia e discutindo seus usos na academia e entre as/os moradoras/es das comunidades populares, o autor defende o conceito de sujeitas/os periféricas/os a partir da percepção da população periférica. O termo define quem reside nas periferias, conferindo um sentido espacial, racial, político e de classe. A partir de 1990, a população das periferias empobrecidas – sob grande influência do Hip Hop – reivindica o termo enquanto identidade e pertencimento a uma dada realidade e posição urbana, ignorando os estigmas que possuía e criando uma consciência periférica.

As análises geográficas possibilitam entender de que modo essas/es sujeitas/os periféricas/os e hop hoppers negociam a ocupação dos espaços urbanos. Santos (2013) aborda a ocupação temporária dos espaços pelo Hip Hop, salientando sua dimensão intermitente e a superposição de espacialidades. As experiências espaciais e sociais dos corpos são materializadas nos espaços ocupados e os traços culturais e a corporeidade remetem à negritude.

A ocupação da cidade pela juventude do Hip Hop não ocorre somente no momento que estão no espaço em que o evento acontece – praças, parques, pistas de skate, ruas, pátios, centros culturais –, mas também em seus trajetos até ele. O ato de circular nas ruas, no transporte público e terminais de transportes “[...] ao adotarem os espaços destinados ao trânsito de pessoas para atividades de lazer, colocam em prática o direito cidadão à cultura urbana” (OLIVEIRA, 2019, p. 106).

Oliveira (2012) interpreta o Hip Hop como uma cultura que politiza o debate urbano, politiza as experiências vividas por jovens em periferias empobrecidas e as/os torna protagonistas de sua história. O autor investigou o Hip Hop no Rio de Janeiro e constatou que as/os adeptas/os criam estratégias territoriais identitárias, que são mecanismos utilizados para ocupar os espaços por meio da cultura, apropriando-se material e simbolicamente e criando múltiplos territórios no espaço urbano. As estratégias possuem duração e extensão distintas, que estão relacionadas às articulações que os grupos de Hip Hop estabelecem com outros grupos, como movimentos sociais. Há cinco estratégias territoriais identitárias: celebração, comunicação, construção política interna, auto-organização e pedagógica. Em Londrina, identificamos todas as estratégias, porém, há uma maior ênfase nas dimensões de comunicação, auto-organização e pedagógica.

Desse modo, há uma pertinência no entendimento da relação existente entre juventude, Hip Hop e espaço geográfico. A juventude hip hopper busca estratégias para instituir espacialidades nas cidades e desestabilizar a ordem hegemônica de poder que procura criar mecanismos de opressão e barreiras para manter essas/es jovens negras/os segregadas/os nas periferias empobrecidas. São corpos que se fazem visíveis, autônomos e dissonantes por meio de uma cultura de afirmação. No caso de Londrina, há um enfrentamento à urbanização racista e excludente.

O ESPAÇO URBANO DE LONDRINA: URBANIZAÇÃO RACISTA E EXCLUDENTE

Londrina é uma cidade média, localizada no norte do estado do Paraná e que possui população estimada, em 2020, de 575.377 habitantes (IBGE, 2020). O município teve sua gênese em 1929 e foi elevado a sede municipal em 1934. A Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) foi responsável por sua construção, com o objetivo de formar um núcleo urbano a ser ocupado por um grande mercado consumidor representado por ex-colonos de café, imigrantes ou não, majoritariamente de São Paulo (FRESCA, 2002).

Ao longo das décadas seguintes, a cidade passou por dinâmicas espaciais, sociais, políticas e econômicas que complexificaram sua malha urbana e a expandiram acentuadamente: “[...] Londrina rapidamente sobrepujou o plano inicial, mediante a dinâmica da pequena produção mercantil – muito embora liderada pelo café – e dos negócios com a terra” (FRESCA,

2002, p. 243). O café, inclusive, foi fundamental no desenvolvimento de Londrina, que já foi considerada “capital mundial do café”.

Desde seus primeiros anos, Londrina já apresentava uma distinção acentuada de classes sociais, os lotes possuíam preços diferenciados de acordo com sua localização, as elites sempre foram privilegiadas, evidenciando o processo de segregação socioespacial que, atualmente, permanece em curso na cidade. A ferrovia, construída nos primeiros anos da cidade, foi utilizada como forma de diferenciação social. Ao sul dela ocorreu a ocupação inicial, onde se instalou o centro principal, os serviços públicos e os primeiros bairros de classe alta. Já ao norte da linha, as camadas populares se instalaram, assim como o comércio atacadista e os pequenos estabelecimentos industriais nas décadas seguintes (AMORIM, 2011).

Na década de 1960, como desdobramento do processo de êxodo rural, a cidade recebeu grande contingente populacional, aprofundando as transformações socioespaciais em sua estrutura urbana, assim como a segregação socioespacial. As periferias empobrecidas e os assentamentos urbanos se multiplicaram, confirmando a falta de planejamento urbano adequado e déficit habitacional (AMORIM, 2011).

Na década de 1970, a expansão urbana ocorreu no sentido norte da cidade. Isso foi direcionado pelo poder público local que intencionou implantar conjuntos habitacionais e loteamentos para as pessoas de baixo poder aquisitivo, em sua maioria negras, distantes do centro da cidade e com enormes vazios urbanos entre os conjuntos e a malha urbana (FRESCA, 2002). Nesse contexto, a zona norte se tornou marcada por casas populares, conjuntos habitacionais, loteamentos de iniciativa privada e assentamentos urbanos, a expressão “Cinco Conjuntos” se tornou seu símbolo e ali, o Hip Hop encontrou seu principal local de constituição.

Da década de 1980 em diante, Londrina continuou se expandindo territorialmente. Diversas transformações ocorreram, como por exemplo, a consolidação do centro principal em local privilegiado de moradia da parcela da população com mais altos rendimentos e, em seguida, em 1990, sua modificação para local de estabelecimentos comerciais para populações de menor poder aquisitivo. Há também a introdução de novos promotores imobiliários, a construção do *Shopping Center Catuaí* e o entorno de sua área se tornando local destinado a edifícios e condomínios de alto padrão (FRESCA, 2002).

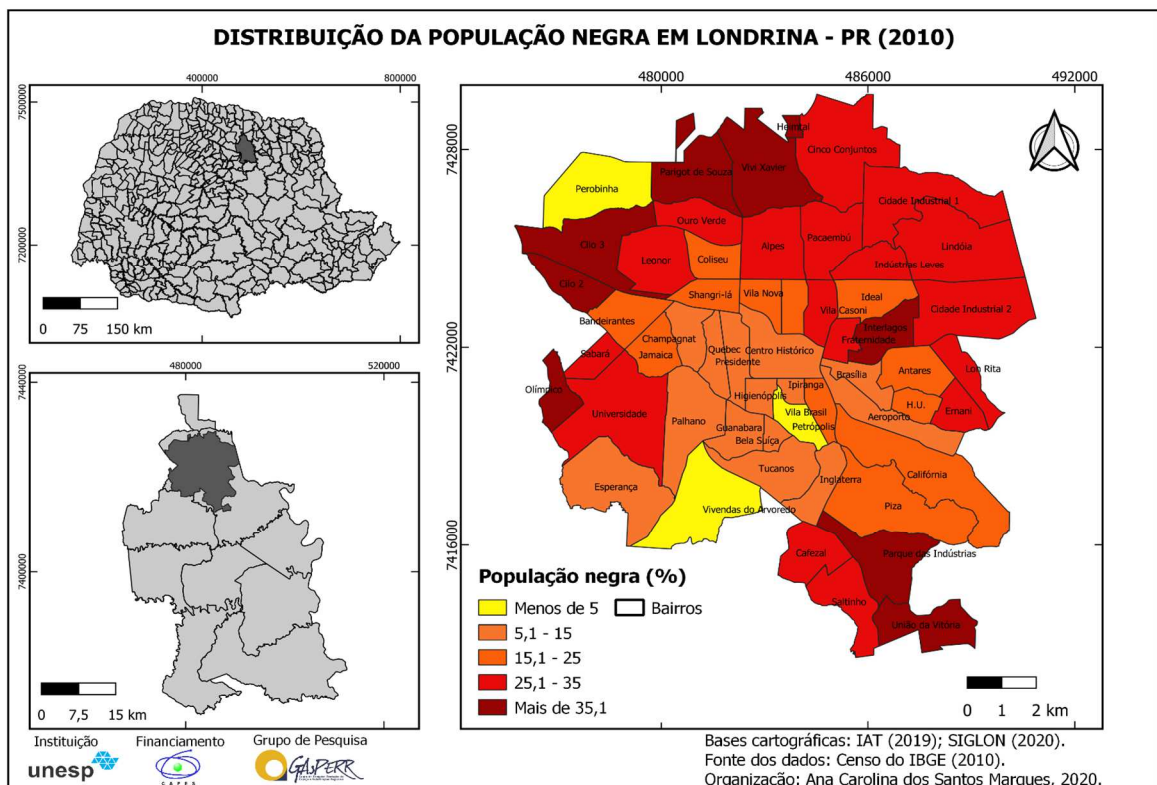
Nos anos 2000, ocorreu a contínua expansão dos loteamentos privados e populares, a construção de outros *shoppings*– *Boulevard Londrina Shopping* e *Londrina Norte Shopping* –,

que modificaram as dinâmicas urbanas em seu entorno, o processo crescente de verticalização e a constituição do sub-centro da zona norte, representado pela Avenida Saul Elkind.

Atualmente, Londrina é formada por complexas lógicas espaciais, marcadas pela diferenciação entre zonas, sobretudo, no que se relaciona as classes sociais (SILVA, 2001). O processo de crescimento da cidade sempre foi acompanhado pela segregação socioespacial, entretanto, defendemos que essa segregação também possui uma dimensão racial.

A estruturação do espaço urbano londrinense excluiu, desde seu início, a população negra (em 2010, essa população correspondia a 25% do total de habitantes londrinenses). A cidade foi construída para imigrantes e ex-colonos brancos, representantes da branquitude e da heteronormatividade. As ruas, praças e monumentos homenageiam esses homens brancos, à exemplo da Rua Raposo Tavares e dos pioneiros homenageados em placas de mármore na praça da Concha Acústica, nomes gravados que escondem a identidade das/os trabalhadoras/es que realmente construíram a cidade, sendo muitas/os delas/es, negras/os que permanecem no anonimato. A Figura 1 apresenta a distribuição espacial da população negra na cidade.

Figura 1: Distribuição da população negra em Londrina – PR (2010)

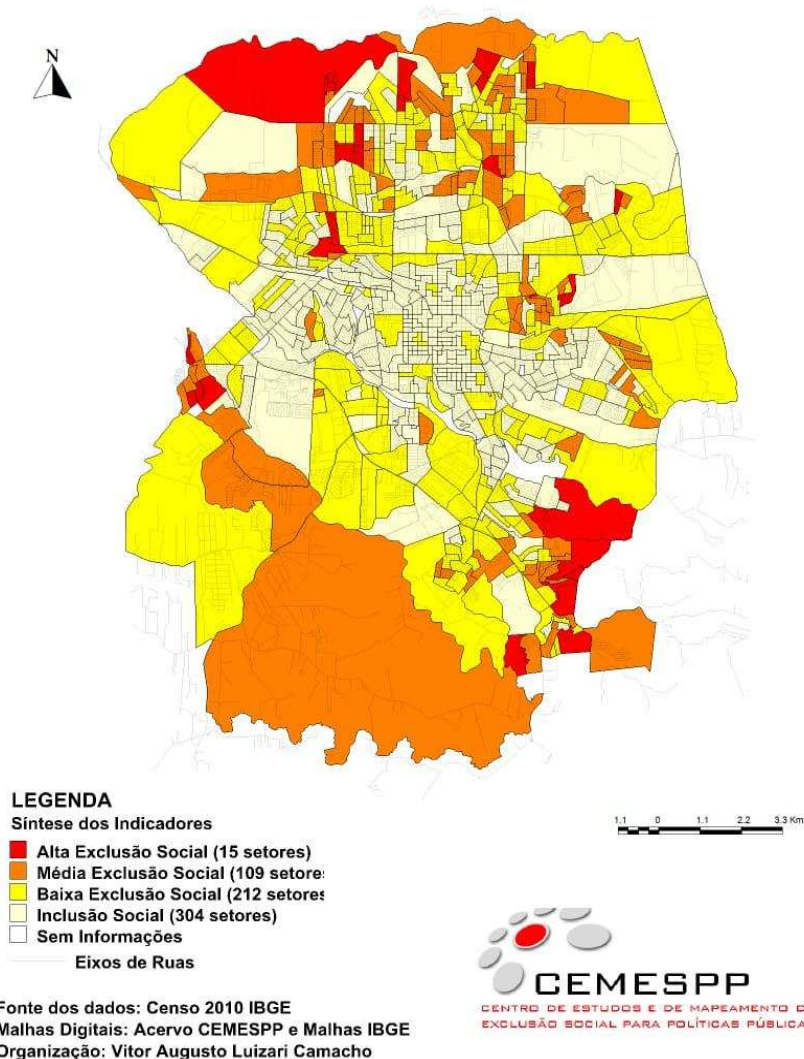


Org.: a autora, 2020.

Por meio do mapa, é possível constatar que, em 2010, a maioria da população negra londrinense residia nas periferias empobrecidas da cidade, há uma concentração de negras/os na zona norte e sudeste, marcadas pelos assentamentos urbanos e falta de infraestruturas básicas, como saneamento. As/os negras/os são minoria na cidade, assim como suas espacialidades que são restritas e marginalizadas. As áreas periféricas são marcadas pela exclusão social, conforme a Figura 2.

Figura 2: Níveis de exclusão/inclusão social em Londrina por setores censitários (2010)

**LONDRINA - PR 2010
 EXCLUSÃO/INCLUSÃO SOCIAL**



Org.: Vitor Augusto Luizari Camacho (2020).

Os setores censitários com indicadores de inclusão social se concentram, majoritariamente, na zona central de Londrina, área que há baixa concentração de pessoas negras, se comparado a outras áreas. Os setores com algum nível de exclusão social, em sua maioria, possuem mais de 15% de população negra. Há 15 setores classificados como de alta exclusão e estão, majoritariamente, localizados na zona norte e sudeste de Londrina. Desse modo, quando combinamos os mapas das Figuras 1 e 2, constatamos que a população negra é predominante nas áreas periféricas da cidade, e suas trajetórias de vida e de espaço são condicionadas à exclusão social, limitando suas oportunidades e acesso à serviços básicos que garantem condições dignas de vida.

Galdino (2017) construiu um mapa com a distribuição dos homicídios de pessoas negras na cidade, as áreas com maiores índices são justamente as periferias empobrecidas, representadas pela Figura 1. Como apontado pelo autor, nas zonas segregadas os índices de homicídios negros são extremamente elevados, evidenciando o abandono do Estado, que não protege, mas sim julga e condena. Os bairros com maior ocorrência dessa violência são União da Vitória, Cinco Conjuntos, Jardim Santa Fé, Vista Bela, Parigot de Souza, Marabá e Jardim Leonor. De acordo com Galdino (2017), uma pessoa negra em Londrina tem 60% de possibilidade de ser vítima de homicídio ao sair de casa. Assim, o espaço urbano da cidade é circunscrito por necropolíticas (MBEMBE, 2011), as áreas valorizadas possuem uma política anti-negras/os.

A violência racial acompanhou o desenvolvimento da cidade e a juventude negra tem sido o maior alvo dessas necropolíticas (GALDINO, 2017). O Censo Demográfico de 2010, aponta que a cidade possuía cerca de 131.135 pessoas, ou 26% da população, com idade entre 15 a 29 anos, ou seja, consideradas jovens segundo os critérios do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2020). A parcela de jovens é expressiva, entretanto, o espaço urbano londrinense não acolhe a juventude negra e empobrecida.

Poucos espaços de Londrina expressam as histórias negras, temos a Casa Dona Vilma Yá-Mukumby, a Venda dos Pretos e os terreiros, por exemplo. Esses locais são espaços negros (OLIVEIRA, 2020) que marcam a resistência dos corpos negros à colonialidade (NOGUEIRA, 2020). Nesse contexto, os espaços do Hip Hop também se tornam espaços negros de memória e resistência, possibilitando que a juventude negra, em meio a uma cidade marcada pela

segregação socioespacial e racial, constitua suas identidades e subjetividades. É no cruzamento entre raça, classe e faixa etária que situamos o grupo social que pratica a cultura juvenil Hip Hop em Londrina. O Hip Hop se manifesta como uma cultura que constrói um outro espaço para a juventude negra londrinense, outra possibilidade de visibilidade para essas/es sujeitas/os periféricas/os, que se coloca ao mesmo tempo como uma crítica ao silenciamento e a exclusão.

A CENA² DA CULTURA HIP HOP EM LONDRINA

Assim como nos Estados Unidos, São Paulo e Rio de Janeiro, a cultura Hip Hop em Londrina foi criada nas periferias empobrecidas, pela juventude negra. Em uma cidade marcada por uma urbanização racista, a cena do Hip Hop sempre se concentrou nas áreas periféricas. A cultura emergiu em Londrina em meados da década de 1980. Sua história na cidade é marcada pelo engajamento social com as comunidades periféricas e pelo tensionamento para que o poder público local reconheça suas potencialidades e contribua com a realização dos projetos e eventos, cedendo espaço e financiamento.

Segundo Nunes e Silva (2007), o Hip Hop inicia sua caminhada em Londrina por meio da organização de grupos de dança de rua, que promoviam concursos e festas em conjunto com as associações de bairro. Logo em seguida, grupos de rap começaram a ser formados e, para além de fazerem músicas, as/os rappers realizavam trabalho voluntário como oficinas, palestras e apresentações de Hip Hop em educandários, presídios e comunidades carentes, defendendo também o combate às drogas (MIOTTA, 2017). O rap londrinense foi fundamental para que muitas/os adolescentes e jovens traçassem trajetórias e projetos de vida que fugiam das redes do crime e das drogas que, muito fortemente, se territorializam em seus bairros periféricos empobrecidos (GOMES, 2007).

Nunes e Silva (2007) afirmam que a maior parte das/os jovens que participam da cultura são negras/os, de classe popular e residem nas periferias empobrecidas, evidenciando a intersecção das variáveis de raça e classe que as/os tornam mais vulneráveis e com difícil acesso a serviços e infraestruturas básicas. Essa juventude se identifica com a cultura Hip Hop, se

² Utilizaremos o termo “cena” para se referir à cultura Hip Hop londrinense. Turra Neto (2004) destaca que o termo se refere a lugar de encontro, ele articula tanto o conceito de encontro quanto o de lugar, conferindo sentido geográfico: “[...] O encontro se dá em lugares que, por intermédio dos encontros, constituem os territórios e formam a cena” (TURRA NETO, 2004, p. 121).

reconhecendo e se afirmando por meio dela, principalmente com base nas letras de rap, ação que não é propiciada por músicas distantes de seu contexto de vivência.

A Universidade Estadual de Londrina (UEL) contribuiu para consolidação do Hip Hop na cidade, cedendo um espaço em sua rádio para programas dedicados à cultura e divulgação das atividades locais, como “Estação Hip Hop”, “Funk S.A.” e “Hip Hop & Cia”. Os jornais locais também colaboraram na divulgação dos eventos (MIOTTA, 2017). Atualmente, na programação da Rádio UEL FM há o “Planeta Hip Hop”³, que acontece aos sábados das 17h05 às 18h debatendo a cultura Hip Hop local, nacional e internacional.

Em 2006, foi inaugurada a Casa do Hip Hop de Londrina pela Secretaria da Cultura. O projeto fazia parte do Programa de Vilas Culturais da Rede de Cidadania da Prefeitura Municipal. A casa tinha o objetivo de ser um espaço de difusão da cultura Hip Hop e urbana de Londrina, oferecendo oficinas e aulas gratuitas (PANTA, 2009), além disso, ela pode ser entendida como um espaço de memória negra (OLIVEIRA, 2020). Segundo Miotta (2017), a Casa do Hip Hop contou com apoio do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PROMIC)⁴ durante quatro anos. Entretanto, após esse período, o auxílio não foi mais recebido. WMC (rapper londrinense que coordenava a casa) procurou patrocínio de lojas, porém, os custos para manter o local eram muito elevados e a Casa foi desativada.

A partir da perda da Casa do Hip Hop, no início dos anos de 2010, a Batalha da Concha se consolidou na cidade como a principal e mais antiga batalha de rima e forma de manifestação da cultura Hip Hop. Ela possui grande importância para a cena, por ocorrer na zona central da cidade, há o incentivo de que jovens periféricas/os ocupem o centro e reivindiquem o uso desse espaço, não somente para trabalho, mas também para lazer.

Apesar da relevância desse evento, parte das pessoas que moravam no entorno da Concha Acústica – localizada no centro principal de Londrina e foi o primeiro local de realização da batalha, daí seu nome – começaram a reclamar do barulho provocado pela batalha e a alegar que as/os jovens frequentavam o espaço apenas para consumo de drogas. Ocorreram também conflitos com a polícia. Após incansáveis debates e tensionamentos, a Batalha da

³ O programa pode ser acessado pelo endereço: <<http://www.uel.br/uelfm/index2.php>>.

⁴ O PROMIC é o programa da Secretaria de Cultura que financia esses projetos. Ele foi criado pela lei municipal nº 8.984, de 06 de dezembro de 2002 e oferta editais que propiciam recursos financeiros para projetos culturais independentes, projetos estratégicos e vilas culturais.

Concha foi transferida para o Zerão (espaço público localizado na área central de Londrina) e continua até os dias atuais (SANTOS, 2020).

Os elementos do Hip Hop se materializam de formas diferenciadas no espaço urbano de Londrina e sempre estiverem presentes nas mais de três décadas de história da cultura na cidade. O *break dance* se manifesta, sobretudo, por meio dos projetos sociais e escolas de dança. O grafite ganhou força na cidade no início dos anos 2000, desde então, o número de grafiteiras/os tem crescido, mas ainda é baixo. A arte ainda é tratada pela maior parte da população como vandalismo. Entretanto, há uma maior aceitação em virtude da quebra dos estereótipos, proporcionada por exposições em galerias de arte e realização de grafites na cidade com autorização da prefeitura ou contratação de empresas (MIOTTA, 2017).

O grafite propicia que a juventude hip hopper imprima sua marca no espaço urbano. Há diversos grafites espalhados pela cidade de Londrina. Quando ocorrem nas áreas marginalizadas, como é o caso dos muros do Cemitério da Jardim da Saudade na zona norte, os grafites expressam principalmente a exaltação da periferia, estimulando as/os moradoras/es a se reconhecerem enquanto sujeitas/os periféricos. Quando as produções são realizadas em muros do centro da cidade, além da exaltação da periferia, há sobretudo a denúncia e crítica ao racismo, demonstrando a re(existência) da população negra e presença na cidade. Há diversos grafites também em escolas da cidade, de modo a tornar os ambientes mais acolhedores e também reflexivos.

Em relação ao rap, Miotta (2017) entrevistou homens rappers: MC Palmerah, Valdir Sujjim, MC Banana Flow e WMC, que foram essenciais para o desenvolvimento da cena e que, atualmente, atuam em parte dos projetos sociais. A partir das entrevistas realizadas pela autora, é evidente a influência que a zona norte possui na constituição do Hip Hop londrinense, na adesão da juventude e na formação de produtores culturais.

As letras de rap, além de abordarem temas como racismo, desigualdades socioeconômicas e a questão da/o sujeita/o periférica/o como vítima não-passiva da sociedade, também possuem versos que destacam o espaço urbano, como na letra de “Cores”, de MC Vaguinho:

No gueto radical, somos marginais,
Não estamos nem aí, se vai ou não, aplaudi mais
E não me interessa se tu é superior,
Eu quero mais é defender a minha raça e minha cor
Nascemos num buraco, lá no podre da cidade,

Numa página esquecida pela sociedade
Esse mundo está na lama, não sei quem vai salvá-lo
Se Deus nos esqueceu, não vamos derrubá-lo, porque
A burguesia de mim nada espera, sou um rato no bueiro,
Eu sou o resto de um vela
[...]
Mortes e gritos no subúrbio é nosso culto
Na loja somos assalto, no banco, somos o saque
Na mente as cores e na boca o craque
Se você vive na riqueza do seu mundo de glória
Você nos discrimina, sem saber a nossa história,
[...] (ALVES; FERNANDES, 2007).

É explícita a denúncia a segregação socioespacial e racial, o rapper destaca como a população negra e periférica é marginalizada pela sociedade e alvo de uma série de estereótipos. Desse modo, o rap proporciona que as/os artistas denunciem a exclusão não somente socioeconômica, mas também espacial.

Os projetos sociais são responsáveis por difundir a cultura para crianças, adolescentes e jovens. Financiados pelo PROMIC, articulam a cultura e a educação, reafirmando a ideia do Hip Hop enquanto um movimento educador. Entre 2014 e 2019, 18 projetos de Hip Hop, de seis coletivos⁵ diferentes, foram aprovados na cidade. A zona norte é a que mais recebe atividades dos projetos sociais, destacando a importância das crianças, adolescentes e jovens vulneráveis terem acesso à cultura Hip Hop, para se expressarem e fugirem das redes de crime, drogas e violência. Embora haja o financiamento, este ainda não é suficiente, há anos que alguns coletivos consolidados ficam sem recurso e projetos independentes também enfrentam dificuldades.

O “Festival Hip Hopé Vermelho Londrina” é um dos eventos que ocorre com financiamento dos editais do PROMIC. Ele é coordenado por uma das jovens mulheres negras entrevistadas nesta pesquisa, juntamente com seu marido, DJ Fran e MC Rei. Em entrevista, DJ Fran destaca que a ideia do festival surgiu nas viagens que o casal fazia para outros eventos de Hip Hop. O objetivo sempre foi realizar um evento em que todas/os fossem aceitas/os e pudessem expressar sua arte. As edições geralmente ocorrem em espaços centrais ou shoppings com a intenção de “[...] trazer a quebrada pra invadir o centro” (DJ Fran, entrevista concedida em 28 de outubro de 2020). O festival reúne os cinco elementos do Hip Hop e a juventude londrinense e de outras cidades pode se apresentar, ocorrendo também batalhas de rima e dança.

⁵ Projetos: “A Rua Dança a Cidade”, “A Rua Dança na Escola”, “MH2 – Música e Hip Hop”, “Hip Hop sobre Rodas”, “Festival Hip Hopé Vermelho Londrina”,

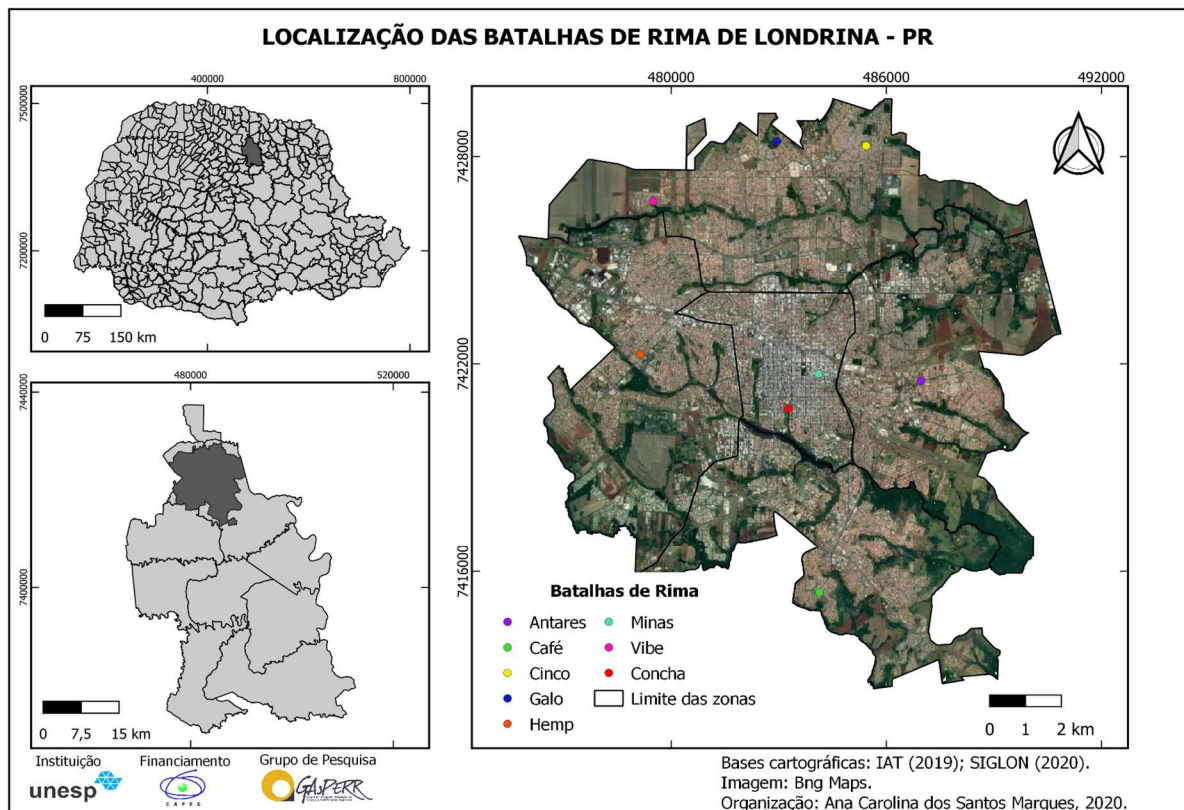
Desse modo, o “Festival Hip Hopé Vermelho Londrina” incentiva a juventude hip hopper a se apropriar dos espaços centrais da cidade e, para além disso, de *shoppings centers* de alto padrão (como na edição de 2020 que ocorreu no *Aurora Shopping*), que historicamente foram espaços negados às/aos jovens empobrecidas/os.

Um espaço fundamental para a história do Hip Hop londrinense é a Vila Cultural Flapt!, localizada na zona norte da cidade. O local possui projetos voltados para o Hip Hop, principalmente break e rap, proporcionando educação não formal para as crianças, adolescentes e jovens da comunidade. Das cinco jovens negras entrevistadas na pesquisa, três frequentam/ram a Vila e destacam a importância desse espaço na disseminação da cultura. Assim, entendemos a Flapt como um terminal de conexão. Turra Neto (2008) destaca que terminais de conexão se referem a espaços de encontro de diversas trajetórias, onde redes são tecidas, ampliadas e até desconectadas da rede original.

As batalhas de rima também podem ser interpretadas como terminais de conexão. São os principais espaços que fomentam o Hip Hop londrinense, por meio delas a maior parte das/os jovens conseguem praticar a cultura. Há um circuito de batalhas de rima ao longo da semana em Londrina, no total são oito: Batalha do Hemp (zona oeste – segunda-feira), Batalha do Cinco (zona norte – terça-feira), Batalha do Café (zona sul – terça-feira), Batalha do Galo (zona norte – quarta-feira), Batalha do Antares (zona leste – quinta-feira), Batalha da Concha (zona central – sexta-feira), Batalha do Vibe (zona norte – último domingo do mês) e Batalha das Minas (zona central – domingo).

Há batalhas em todas as zonas geográficas da cidade. Alguns nomes remetem aos locais em que as manifestações são realizadas, como a Batalha do Cinco que acontece nos Cinco Conjuntos, a do Café realizada no Cafezal, a do Antares realizada próximo ao bairro Antares e a Batalha da Concha, que inicialmente, ocorria na Concha Acústica. Pelo que temos acompanhado, desde o trabalho de monografia de conclusão de curso, a maior parte das/os frequentadoras/es das referidas batalhas são jovens negras/os das periferias empobrecidas. A espacialidade das batalhas contribui para que todas/os as/os adeptas/os da cultura Hip Hop possam frequentar pelo menos uma batalha por semana, sem precisar realizar longos deslocamentos. A Figura 3 apresenta o mapa com a localização das batalhas de rima.

Figura 3: Mapa de localização das batalhas de rima de Londrina (PR)



Org.: a autora, 2020.

É significativo notar a forte representação das batalhas na zona norte de Londrina, que concentra três das oito. As que estão no centro da cidade são as batalhas da Concha e das Minas. Enquanto outras duas dividem-se entre Zona Leste e Zona Oeste, ou seja, outras duas áreas periféricas importantes. A única batalha que ocorre na Zona Sul está em uma área de periferia empobrecida, que teve origem em movimentos de ocupação e luta por moradia em Londrina, no início dos anos de 1990.

Portanto, a cena do Hip Hop em Londrina é repleta de manifestações culturais. A cultura não é recente na cidade, possui mais de três décadas de existência, já contribuiu para formação crítica de muitas crianças, adolescentes e jovens, para o lazer de comunidades e como profissão de diversas/os artistas. Os projetos sociais são fundamentais para a afirmação do Hip Hop enquanto cultura educadora e se constata que eles são conduzidos pela velha geração, pessoas que participam da cultura desde seu início em Londrina. Atualmente, as batalhas de

rima são os principais eventos da cultura na cidade e são frequentadas por jovens, representantes da nova geração do Hip Hop londrinense.

Nesse cenário, há uma distinção de gerações, a juventude frequenta mais as batalhas de rima e tem esses eventos como sua principal forma de lazer e de pautar suas opiniões, demandas e vivências. As/os jovens têm as batalhas como lugar de encontro e de acolhimento, onde podem expressar suas identidades sem que sejam julgadas/os, uma vez que o público é formado por pessoas que estão na mesma fase de vida e compreendem as questões que precisam lidar nesse momento.

São elas/es que tem fomentado a cena do Hip Hop londrinense atualmente, muitas/os aderem a essa cultura em virtude da participação nos projetos sociais coordenados pela velha geração, e por meio do uso da *internet* e das plataformas digitais estão criando seus sons e divulgando seus trabalhos, o que revela por si só que a cultura Hip Hop, que continua se realizando na cidade, o faz em uma outra conjuntura história e que conta a seu favor com outras possibilidades técnicas de produção e difusão.

É importante salientar que embora o Hip Hop potencialize a apropriação do espaço urbano pela juventude hip hopper, as/os jovens também se tornam alvo de estigmas territoriais (WACQUANT, 2006) por parte de quem não participa da cultura. Desde sua criação, o Hip Hop foi marginalizado pela sociedade, enquanto uma cultura periférica e que tem na população negra a maior parte de suas/eus adeptas/os. Há um senso comum de que somente marginais participam das manifestações. As jovens relatam que esse imaginário interfere em suas trajetórias de vida e de espaço, limitando oportunidades em algumas esferas da vida social. Venezian, por exemplo, conta que seus pais não gostavam que a filha frequentasse as batalhas por considerar não ser um “bom lugar”: “[...] *Eles não fazem por mal, é uma coisa que eles criaram porque é o senso comum, então tipo pensa que lá só tem drogas, só tem maloqueiro e não é bem assim. E tipo não é o lugar que vai fazer você*” (Venezian, entrevista concedida em 17 de setembro de 2020). A jovem destaca que, atualmente, sua família perdeu um pouco desse preconceito e passou a aceitar melhor sua participação no Hip Hop, uma vez que é o que ela gosta de fazer.

Para além do preconceito familiar, MC VK relata que já presenciou as abordagens policiais ocorridas em eventos de Hip Hop. De acordo com ela, em uma das batalhas de rima “[...] *a polícia chegou invadindo, atirando, batendo em todo mundo e era pouquinho mais de*

meia-noite só e nem tava barulho já tinha acabado, já tinha sido a final, o pessoal só tava lá conversando, tinha umas rodinha de freestyle” (MC VK, entrevista concedida em 26 de setembro de 2020). Essas abordagens policiais apontam para a associação, presente no imaginário social, entre o Hip Hop e a marginalidade, destacando o estigma territorial que a juventude negra periférica enfrenta.

Por fim, a partir dos apontamentos realizados ao longo deste artigo, gostaríamos de salientar as centralidades do Hip Hop de Londrina. O centro da cidade, do ponto de vista da cultura Hip Hop, divide sua centralidade com as batalhas e outros eventos que acontecem nas periferias empobrecidas. A juventude hip hopper converge suas trajetórias para o centro da cidade, mas não se restringe a essa área e também frequenta outras zonas da cidade, em virtude das batalhas de rima. A centralidade do centro ocorre, sobretudo, em virtude da Batalha da Concha, entretanto, o Zerão também é frequentado pelas jovens em dias que a batalha não ocorre. É um espaço público muito importante para a juventude londrinense, onde se encontram as pluralidades juvenis. A Batalha das Minas, que apesar de ter realizado apenas uma edição, já se evidencia como um importante evento para as mulheres e para sua instituição de espacialidades em locais fora de seu cotidiano.

A zona norte possui grande importância na cena do Hip Hop londrinense. Ainda que o centro tenha sua centralidade, é na zona norte que a cultura tem seu surgimento e consolidação. Várias/os artistas são dessa área de Londrina e buscam valorizá-la em suas produções.

Em suma, as práticas espaciais da juventude do Hip Hop londrinense são orientadas pelo movimento das batalhas de rima e todo esse processo aponta não só para uma relação centro-periferia, mas também uma forte relação periferia-periferia. Trajetórias espaciais periféricas distintas se congregam em um único ponto do centro, mas principalmente, da própria periferia. As periferias londrinenses, sobretudo, a zona norte, assumem centralidade do ponto de vista da cultura Hip Hop.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Hip Hop se apresenta como uma cultura juvenil de enfrentamento às imposições da sociedade. Uma cultura construída por pessoas negras e que, desde sua criação, questiona as

desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais. Desde sua chegada em São Paulo, vemos jovens do Hip Hop fazerem periferia no centro, embaralharem as lógicas de segregação socioespacial, reivindicarem a cidade e lê-la de forma crítica. Considerando suas potencialidades, o Hip Hop permite que as jovens modifiquem suas realidades e tenham a oportunidade de se expressarem e de serem ouvidas/os e de também instituírem outras espacialidades nas cidades.

A cidade de Londrina é marcada por uma cena cultural múltipla, mas também é caracterizada por uma urbanização racista e excludente. Desde o processo de construção da cidade, a população negra foi excluída, residindo em sua maioria, nas periferias empobrecidas marcadas pela exclusão social. O espaço urbano é circunscrito por uma política anti-negras/os, que marginaliza e exclui essa população. Essa configuração socioespacial afeta a constituição das identidades e subjetividades juvenis.

Nesse contexto, o Hip Hop se evidencia como uma cultura de ressignificação da posição de periférico às/aos jovens. Terminais de conexão (TURRA NETO, 2008) foram fundamentais para que os encontros com a cultura aconteçam. Em Londrina os projetos sociais, vilas culturais e batalhas de rima podem ser entendidos enquanto terminais de conexão e proporcionam os primeiros contatos com a cultura. Após os encontros, as redes de sociabilidade criadas se tornam essenciais para a permanência das/os jovens nos espaços do Hip Hop. As amizades criadas influenciam na constituição das identidades, na participação nas manifestações e nos trânsitos e espacializações pela cidade.

As práticas espaciais da juventude hip hopper são orientadas pelo movimento dos eventos da cultura, com destaque para as batalhas de rima. As trajetórias de espaço passam a não se restringir apenas entre periferia-periferia, mas também entre centro-periferia. Daí que concluímos a apropriação do espaço urbano pela juventude é potencializada a partir da participação no Hip Hop, assim como é em outras culturas juvenis.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. F.; FERNANDES, F. A. G. Representação do negro no rap londrinense. *Afroatitude*, Londrina, v. 2, n. 1, p. 1-16, jul./dez. 2007.

AMORIM, W. V. **A produção social do espaço urbano em Londrina - PR: a valorização imobiliária e a reestruturação urbana.** 2011. 287 f. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade

de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2011.

D'ANDREA, T. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 19-36, jan./abr. 2020.

FEIXA, C. **De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventude**. 2 ed. Barcelona: Editora Ariel, 1999.

FREIRE, R. **Hip-hop feminista?** Convenções de gênero e feminismos no movimento hip-hop soteropolitano. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2018.

FRESCA, T. M. Mudanças recentes na expansão físico-territorial de Londrina. **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 11, n. 11, p. 241-264, jul./dez. 2002.

GALDINO, C. F. **A população negra em Londrina: as interfaces entre violência e educação**. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

GOMES, A. P. A metáfora da vida real: um estudo de letras de rap em londrina. In: Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, 3, 2007, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2007, p. 95-106.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Londrina**. 2020. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/londrina/panorama>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

MBEMBE, A. Necropolítica. In: _____. **Necropolítica seguido de Sobre el gobierno privado indirecto**. Espanha: Melusina, p. 17-75, 2011.

MIOTTA, M. A. **O hip-hop na cena londrinense: práticas de uma poética da voz e do corpo**. 2017. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

NEAB, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros. **A Casa Dona Vilma Já-Mukumby**. 2020. Disponível em: < <http://www.uel.br/neab/pages/o-neab/casa-dona-vilma-ya-mukumby.php>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

NOGUEIRA, A. M. R. A construção e apagamento de territórios negros. **Revista da ABPN**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 157-181, set./nov. 2020.

NUNES, M. A. O.; SILVA, L. H. O. Reflexão em torno do Movimento Hip Hop. **Afroatitudenas**, Londrina, v. 2, p. 1-6, jul./dez. 2007.

OLIVEIRA, R. J. Segregação racial e desigualdades urbanas nas Cidades brasileiras: elementos para uma observação da necropolítica. **Revista da ABPN**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 131-156, set./nov. 2020.

OLIVEIRA, D. A. Hip Hop e territorialidades urbanas: uma construção social de sujeitos das “periferias”. **Cadernos PENESB**, Niterói, n. 11, p. 73-113, 2010.

OLIVEIRA, D. A. Juventude e territorialidades urbanas: uma análise do Hip Hop no Rio de Janeiro. **Revista de Geografia – PPGeo**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 1-8, 2012.

OLIVEIRA, D. A. Inscrição espacial do racismo e do antirracismo: a 'Pequena África' como forma espacial de descolonização da área central e portuária do Rio de Janeiro. In: ENANPEGE, 13, 2019, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2019, p. 1-15.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

PANTA, M. A. S. **A influência do Hip Hop no cotidiano de jovens moradores ou provenientes das territorialidades periféricas**. 2009. 73 f. Monografia (Trabalho de Conclusão em Educação Física) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

SANTOS, R. E. O movimento negro brasileiro e sua luta anti-racismo: por uma perspectiva descolonial. **Yayaykusun**, Lima, v. 6, p. 15-30, 2013.

SANTOS, T. **Batalhas do hip hop: rimas pela livre expressão**. 2020. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/batalhas-do-hip-hop-rimas-pela-livre-expressao-2981695e.html>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

SILVA, W. R. Fragmentação do espaço urbano de Londrina. **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 10, n. 2, p. 5-14, jan./jun. 2001.

SIMÕES, J. A. **Entre a rua e a internet: um estudo sobre o hip-hop português**. 1 ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

TOMMASI, L. **Juventude e cultura**. 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/36865436/JUVENTUDE_E_CULTURA>. Acesso em: 18 jan. 2021.

TURRA NETO, N. Movimento hip-hop do mundo ao lugar: difusão e territorialização. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v.1, p. 1-11, 2013.

WACQUANT, L. A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. **Sociologia**, Porto, v. 16, p. 27-39, 2006.

XAVIER, D. P. **Repensando a periferia no período popular da história: o uso do território pelo Hip Hop**. 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.